

Folha Ilustrada

Tavares de Miranda	2	Saude	2
Efemerides	2	Espectaculos e artes	4
Horoscopo	2	Panorama	5

São Paulo — Terça-feira, 5 de abril de 1966

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil

Vicente de Carvalho, o advogado de Dulcinéia

ISA LEAL



Durante a visita de Washington Luís, outros amigos, familiares e o poeta (ultimo à direita)

Biografia

Filho do major Higino José Botelho de Carvalho e de d. Augusta Bueno Botelho de Carvalho, nasceu Vicente Augusto de Carvalho na cidade de Santos, província de São Paulo, no dia 5 de abril de 1866 — data indicada pelo próprio poeta na autobiografia que publicou na "Revista da Academia Brasileira de Letras". Abandonando aos 11 anos de idade o curso primário, empregou-se no comércio, mas recomeçou os estudos um ano depois, em São Paulo, onde foi aluno do Colégio Mamede, do Seminário Episcopal e do Colégio Norton. Terminados os preparatórios aos 16 anos de idade, precisou de licença especial para matricular-se na Faculdade de Direito. Guarda-livros de uma firma santista, vinha periodicamente à capital da província para prestar exames. Formou-se em fins de 1885, quando ainda não completara 21 anos.



Vicente de Carvalho

Republicano e democrata convicto, foi membro do Diretório Republicano de Santos quando ainda quartanista e, dois anos depois, já formado, participou do Congresso Republicano realizado em São Paulo. Proclamada a República foi deputado ao Congresso Constituinte em 1891 e secretário do Interior em 1892. Com o golpe de Estado do marechal Deodoro da Fonseca, abandonou o cargo, pois se desiludira da política e, além do mais, como esclareceria, orientava-se pela ética positivista de Augusto Comte, a cuja Religião da Humanidade se filiara.

Paralelamente à sua reputação de magistrado, crescia-lhe a fama literária como um dos melhores poetas parnasianos do Brasil. Seu nome tem sido citado como digno de figurar, nos manuais de história da literatura, juntamente com os de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia. Os melhores poemas de Vicente de Carvalho, e assim os achava ele próprio, incluem-se no volume "Poemas e Canções" e são os seguintes: "Fugindo ao Catiaveiro", "Rosa, Rosa de Amor", "O Pequenininho Morto", "Palavras ao Mar", "O Sonho Postumo" e "Velho Tema". E os melhores trabalhos em prosa: "O Selvagem", "Uma Candidatura", "Jesus", "O Eterno Problema" e "Em Roda de Fogo". Jornalista, muito escreveu para a imprensa de Santos e de São Paulo.

Tendo adquirido em França uma fazenda de café, dedicou-se então à lavoura. Contudo, em 1901, voltou para sua cidade natal e passou a advogar. Mudou-se para São Paulo em 1907, para exercer o cargo de juiz de direito. Sete anos mais tarde, já fazia parte do Tribunal de Justiça, pois fora nomeado desembargador.

Esteve por três vezes na Europa, a saber: em 1905, em 1909 e em 1912. Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 1909, na vaga aberta com a morte de Artur Azevedo, e ali foi substituído por Claudio de Sousa, em decorrência da sua própria morte, ocorrida em Santos no dia 22 de abril de 1924.

DO ARQUIVO DA FOLHA



Maria da Piedade Vicente de Carvalho com a carta de Washington Luís. Atrás, o busto do poeta.

O poeta do mar provou, durante toda sua existência, que era também um grande amigo dos caixaras. Na verdade, não só destes, mas de todos os humildes, de todos os injustiçados, de todos os ofendidos. Era frequente aceitar a causa de alguém que não tinha dinheiro para lhe pagar. A este tipo de cliente, dava tempo e trabalho, alma e espírito. Dulcinéia nunca bateu à sua porta, porque de pronto se arvorava em seu defensor...

Mas seus principais amigos sempre foram os pescadores. Homem de sua época, na qual ninguém era esportista, ia para suas pescarias de roupa comum e de sapatos. Eram seus amigos, os pescadores, que o carregavam nos braços até à canoa. Quem eram os amigos de pé no chão e alma tão grande quanto o mar? Os caixaras, que se chamavam, Tavares, Antonio do Rosario, Silverio, que era avisado com antecedência, ao passar pelo Buracão, rumo ao Indaiá.

«Dois são demais!»

Muito curiosa a força íntima de Vicente, diante do fato que a qualquer outro teria abatido. Quando perdeu o braço, porque, junto ao mar, o mosquito-polvora lhe fizera ferir um dedo, depois amputado, antes de todo o braço, não ficou complexado. Partia sua carne no prato sem consentir que alguém o fizesse (e havia uma esposa tão dedicada, tanta filha amorosa ao seu lado!), acendia seu próprio cigarro, e pescava com três linhas ao mesmo tempo, uma nos dentes, outra nos joelhos, a terceira na mão direita. E dizia: "Dois braços são luxo! Um só chega muito..." Certamente o fazia para não entristecer, à sua volta, os muitos olhos de adoração que o cercavam.

Arrastão

Naquelas férias inesquecíveis do Indaiá, todos se divertiam, as crianças e jovens da família, os numerosos amigos, o próprio poeta. Havia uma pessoa que só tinha tempo para preocupações: d. Biloca, a esposa perfeita, a mãe dos 13 filhos (hoje são 8 vivos) de Vicente. Para ela, havia trabalho, e muito. Nunca se queixava, nunca demonstrava cansaço ou mau humor. Como seria difícil manter casa sempre cheia, mesa sempre farta, só ela o sabia. Quando se vendeu o Indaiá, ela, que era essencialmente cidadina, desvendou seu segredo: tinha sido um sacrifício toda a vida, ir para lá. Mas seu senso de responsabilidade, sua compreensão do que era ser companheira de um grande homem, faziam com que calasse. E sorrisse, o que era — souberam só então seus filhos — um sacrifício.

Mas, enquanto puderam família e amigos aproveitar a beleza mágica do Indaiá, todos a aproveitaram. Um dos apaixonantes divertimentos era assistir, em praias vizinhas, a pesca do arrastão. Em junho, certa vez, a rede trouxe 10.700 tainhas. Nesse dia, no entusiasmo da pesca na qual "nunca se viu tanto peixe assim", todos os que assistiam ao final se puseram a ajudar os pescadores. Nessa noite, na praia de Enseada, ninguém dormiu: os praianos preparavam a parte que lhes tinha tocado, e os moradores do Indaiá visitavam os pescadores, alegrando-se com sua fartura.

Três praticas

Era comum chegarem ao Indaiá — às vezes já de noite — pessoas que vinham visitar. Mas uma visita significava sempre uma estada de três dias... E, se chegavam às nove da noite, lá ia d. Biloca para a cozinha, e aparecia uma ceia farta e saborosa.

Toda a sociedade paulistana, de vez em quando, fazia a peregrinação: ia ver onde se inspirava, para alguns dos mais belos versos

da lingua brasileira, o patriarca.

Patriarca, realmente. E, certa ocasião, aconteceu um encontro raro. O anfitrião recebeu dois amigos que, como ele, tinham naquela época 13 filhos: José Maria Whitaker e Tomás Cantunda.

Certa festa de S. João, quando Vicente resolveu oferecer uma festa aos praianos, o rancho foi enfeitado com lanternas japonesas.

Nessa noite, dormiram na casa 52 pessoas. Havia quem aceitasse para cama a mesa de pingue-pongue...

Na lancha que os levou, à noite, lia para o presidente os seus "Poemas e Canções". De repente, o livro desapareceu. Vicente o deu por perdido. Mas o recebeu de volta, dias depois, com uma bela caixa de madeira trabalhada, com uma inscrição em que o amigo lhe enviava sua gratidão pela viagem e, mais uma vez, sua admiração.

Não era à toa que o poeta era querido pelos praianos, que procurou sempre como amigo, tentando suavizar sua vida de maneira prática, com verdadeira promoção humana.

Sempre Dulcinéia

Um dos visitantes do Indaiá foi o então presidente do Estado, Washington Luís. Aproveitando a ocasião, Vicente prometeu uma viagem por toda a região da Ribeira de Iguape. Ficava triste, sem dúvida, ao verificar com sua sensibilidade de poeta a divergência entre a estúpida fertilidade da região e a dolorosa miséria do caixara. Contradição que se apressou a salientar praticamente ao então presidente.

Hotéis de Classe Internac



GRANDE HOTEL INTERNACIONAL

